

Edição v.36
número 3 / 2017

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 36 (3)
dez/2017-mar/2018

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

“Lá eu posso ser mulher”: cotidiano e sociabilidade travesti em trajetórias digitais

“There I can be a woman”: transvestite everyday life and sociability in digital trajectories

ALISSON MACHADO

Doutorando em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Mestre em Comunicação e bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela mesma instituição. Brasil. E-mail: machado.alim@gmail.com. ORCID: 0000-0003-1687-7248.

SANDRA RUBIA DA SILVA

Doutora em Antropologia Social, pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Professora do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: sandraxrubia@gmail.com. ORCID: 0000-0001-7548-5178

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MACHADO, Alisson; SILVA, Sandra Rubia da. “Lá eu posso ser mulher”: cotidiano e sociabilidade travesti em trajetórias digitais. *Contracampo*, Niterói, v. 36, n. 03, pp. 256-277, dez. 2017/ mar. 2018.

Enviado em 26 de maio de 2017 / Aceito em 05 de dezembro de 2017

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v36i3.1030>

Resumo

Amparado em uma pesquisa etnográfica para a internet (HINE, 2015), o artigo interpreta alguns elementos da sociabilidade travesti a partir de suas práticas de consumo e uso das tecnologias digitais. Observando as trajetórias digitais das participantes da pesquisa, através das interações na plataforma de rede social Facebook, demonstramos como a internet se incorpora à vida cotidiana e movimentada diferentes práticas de interação, como fofocas, truques e alfinetadas. Além disso, através do site, manifestam-se as noções de fidelidade consigo mesmas e as interações singularizadas pelo trabalho na prostituição, elementos centrais na compreensão de suas sociabilidades.

Palavras-chave

Consumo; Redes sociais digitais; Sociabilidade travesti.

Abstract

Supported in an ethnographic research to the internet (HINE, 2015), the article interprets some elements of transvestite sociability based on their practices of consumption and use of digital technologies. Observing the digital trajectories of the research participants, through the interactions in the social network platform Facebook, we demonstrate how the internet is incorporated into everyday life and it moves different practices of interaction, such as gossip, tricks and needle. In addition, through the site, the notions of fidelity to themselves and the interactions singled out by work in prostitution are manifested as central elements in the understanding of their sociabilities.

Keywords

Consumption; Digital social networks; Transvestite sociability.

Introdução

Inspirados no pensamento de Certeau (1998, p. 93), de que as agências humanas podem subverter as lógicas a partir dos sistemas de ordem estabelecidos e reconhecendo que os usos¹ são ações “que organizam em surdina o trabalho [...] do consumo” em sua “formalidade e sua inventividade próprias”, o artigo interpreta algumas das interações que um grupo de travestis realiza em suas trajetórias digitais. Através de uma pesquisa etnográfica, buscamos entender alguns dos usos que as participantes da pesquisa realizam na plataforma de rede social Facebook.

O artigo seleciona dados do trabalho de campo, de entrevistas e de observações sistemáticas realizadas nos perfis de nove participantes durante cerca de um ano, categorizadas em alguns elementos que parecem ser centrais na articulação do universo da sociabilidade travesti. Por meio da observação de alguns dos usos mais recorrentes, descrevemos como as interações realizadas através de seus perfis pessoais articulam diferentes aspectos no âmbito de suas sociabilidades.

A etnografia, como uma prática epistêmica que se realiza para além das técnicas de investigação em campo, não é a simples adequação de um método e não se resume à adoção de determinados procedimentos metodológicos (GEERTZ, 2012; PEIRANO, 2014). Nossa proposta assume o empreendimento daquilo que Geertz chamou de descrição densa, um esforço intelectual na ação de interpretar os dados empíricos coletados em campo, tendo em vista a relação de intermediação (DAMATTA, 2010) estabelecida entre o pesquisador e os sujeitos da investigação na construção e partilha dos significados (LAPLANTINE, 2012; VELHO, 2013).

O campo das Ciências Sociais e Humanas já possui um profícuo conjunto de pesquisas que se dedicam à compreensão do universo da transexualidade, em diversas disciplinas e enfoques. Desde o trabalho pioneiro de Silva (1993), Jayme (2001), Benedetti (2005), Bento (2006), Kulick (2008) e Pelúcio (2009) são alguns exemplos de investigações que servem como base teórica da compreensão sobre esse universo, guiando nosso empenho em refletir acerca das vivências travestis, na interface dos usos e práticas que elas realizam em suas trajetórias digitais.

Conforme Lanz (2017), o território transgênero é composto por diferentes identidades gênero-divergentes, que transgridem, desviam ou violam, de alguma forma, o dispositivo binário de gênero masculino-feminino. Para a autora, as travestis são o grupo transgênero de maior visibilidade do país em função de sua ostensiva presença nas cidades e de sua participação na indústria do sexo. Na

¹ A abordagem teórica compreende que tanto os usos quanto o consumo de bens e artefatos são práticas sociais e culturais, singulares e contextuais. Portanto, no texto, não se adjetiva por social ou cultural nenhuma dessas expressões.

pesquisa, essa definição é tomada pela autoidentificação das participantes com o termo, dizendo respeito não apenas à transformação corporal e estética, mas o modo como suas práticas sociais são formuladas por diferentes posicionamentos ligados ao gênero e à sexualidade.

Travesti é, conforme Benedetti (2005), uma identificação complexa e disputada, orientada por valores e práticas diversas que não pode ser confundida com a busca pelo feminino das mulheres cisgêneras. Corresponde a uma realidade corporal e social específica que se estabelece nos referenciais de um feminino próprio, localizado nem dentro, nem fora das categorias normativas da divisão social e sexual, mas vividos nos trânsitos e na processualidade do corpo e da sexualidade (CAMPUZANO, 2008). É o caráter relacional da corporalidade e do feminino que indicam as possibilidades de *fazer o gênero* das travestis, definido através dos regimes de coerência entre as performances do gênero e o corpo apropriado para desenvolvê-las (BENTO, 2007).

O caráter relacional da corporalidade e do feminino das travestis é expresso, conforme Benedetti, nas dinâmicas de suas relações sociais. Através dos processos de transformação, elas se deslocam constantemente entre os domínios e as posições de gênero estabelecidas socialmente. Para Pelúcio (2009), através de *símbolos do feminino*, que atuam sobre corpos pensados pela sociedade como masculinos, as travestis buscam (re)construir um corpo feminino, inscrevendo-o, bem como a seu gênero e sexualidade, em práticas e lugares de ambiguidade, ressignificações e conflitos. A vivência da corporalidade das travestis, símbolo visível de seu projeto identitário, se constitui através das relações sociais que extrapolam os limites do próprio corpo.

Observando o desenvolvimento e a consolidação das tecnologias de comunicação digitais nos mais diversos quadros da experiência social, partimos da compreensão de que as plataformas de redes sociais potencializaram os processos de comunicação e interação entre as pessoas (MILLER et al., 2016). Através dos usos particulares dessas tecnologias, as experiências sociais vão sendo constituídas, elaborando as próprias categorias com as quais as pessoas definem a si mesmas e ao universo social a sua volta.

A inserção em ambientes comunicacionais complexos, orientados por diferentes estímulos, tem possibilitado o desenvolvimento de mudanças nos regimes de sociabilidade. A diversidade nos padrões de interação, enquanto marca da especificidade de nossas sociedades (CASTELLS, 2003), permite indagar a maneira como as redes de sociabilidade online complexificaram e dinamizaram os fluxos de uma comunicação organizada pelas possibilidades em rede junto aos ambientes da internet.

As práticas observadas no trabalho de campo e descritas à luz de algumas relações teóricas sobre como o consumo articula processos de significação apontam para uma maior autonomia e autocomunicação na elaboração de seus projetos pessoais e identitários (CASTELLS, 2003, 2013). Para o exame dessas relações, aproximamos nossa abordagem aos estudos sobre consumo, discorrendo acerca da relação entre internet e vida cotidiana. Através de uma abordagem etnográfica, o artigo evidencia como a dimensão dos usos das tecnologias digitais, em especial, as redes sociais, articulam os significados das práticas e vivências no cotidiano das travestis.

Dinâmicas sociais e interacionais pelo consumo

Refletir sobre o consumo, enquanto um processo de organização da vida social, requer considerar inúmeras atividades para além das práticas cujo enfoque são as bases mercadológicas na relação entre produção, aquisição e aplicação de qualquer bem e os atores sociais envolvidos. Conforme Barbosa e Campbell (2006), o consumo é uma categoria central na definição das sociedades contemporâneas, processo que articula as identidades no tecido social e as estratégias pelas quais atores e grupos definem diversas situações e experiências do cotidiano.

Além de um sistema de classificações, conforme Rocha (2004), o consumo pode ser entendido como um código que legitima e traduz as mais diferentes relações sociais. Funcionando de forma reconhecida e partilhada, o consumo colabora na elaboração de identidades pessoais e coletivas e nas relações sociais que por elas são estabelecidas. Alinhando-se ao pensamento de Douglas e Isherwood (2004), o autor pensa o consumo através da articulação de sistemas de classificações, atravessados pela dimensão simbólica que estabilizam as categorias culturais que dão significado a cada universo social.

Em uma definição antropológica, Douglas e Isherwood (2004, p. 103) entendem o consumo como um processo em que as diferentes categorias sociais são articuladas e continuamente redefinidas na “própria arena em que a cultura é objeto de lutas que lhe conferem forma”. Na capacidade de produzir sentido a respeito das relações, o consumo articula e fixa os significados da vida social, de modo a proporcionar certa estabilidade às categorias pelas quais as culturas são vividas. Nessa concepção, o consumo é tido como forma social de conter a flutuação dos significados, funcionando como processos rituais (DOUGLAS, ISHERWOOD, 2004). Através desses processos, os atores e grupos sociais acabam por construir um sistema inteligível de referência, marcando, assim, seus sistemas de sociabilidade. Essas operações encadeiam diferentes conjuntos de classificações

e marcações, “perspectivas [que] não são fixas, nem são aleatoriamente arranjadas como um caleidoscópio. Em última análise, suas estruturas são ancoradas nos propósitos sociais humanos” (DOUGLAS, ISHERWOOD, 2004, p. 114).

Como parte da reprodução cultural das relações sociais, as práticas de consumo atribuem os significados e projetam a própria vivência da ordem social na vida cotidiana (SLATER, 2002). Para Slater, é na capacidade articulada pelo consumo que os agentes vivem tanto as determinações da ordem social quanto as possibilidades de fazer algum tipo de resistência a elas. Se em um sentido o consumo organiza o ordenamento e a diferença social, é através dele que os indivíduos podem encontrar formas de manejar seus recursos culturais e sociais a fim de propor reinterpretações, modificações e transgressões da ordem imposta.

Essa proposição também é defendida por Certeau (1998), refletindo as operações de usos definidos através do consumo, como a criação de um espaço de jogo para maneiras de utilizar a ordem estabelecida do lugar e da língua, os quais impõem a lei, instaurando regimes de pluralidade e criatividade. Nessa perspectiva, os usos são tomados não a título da relação instituída com o sistema e a ordem, mas enquanto relações de forças, definindo as redes em que se inscrevem e delimitando as circunstâncias de que os atores sociais podem tomar proveito.

Castro (2014) demonstra que, com a ascensão dos modos e estilos de vida contemporâneos, o consumo passou a definir-se por diferentes economias de saberes e competências que demandam formas de engajamento heterogêneas e variáveis. Reorganizando os espaços e as rotinas dos indivíduos, diferentes pedagogias sociais passam a ser articuladas e socializadas por sistemáticas orientadas pelo consumo.

Essas sistemáticas transpõem a dimensão das materialidades dos objetos, correspondendo-se com a produção simbólica da comunicação e dos processos de interação. Castro defende a ideia da articulação de culturas do consumo específicas, em que consumir também significa comunicar, prática social e cultural relacionada às subjetividades dos atores e ao reconhecimento social das relações que eles estabelecem. Buscando entender como, através dos usos da rede social Facebook, articulam-se as práticas de consumo específicas da sociabilidade travesti, apresentamos uma breve incursão sobre o debate a respeito de uma abordagem etnográfica para o estudo da internet.

Internet e cotidiano: uma abordagem etnográfica

No cenário das culturas do consumo, uma abordagem etnográfica da internet, que privilegia os usos das tecnologias de informação e comunicação na

configuração dos quadros sociais, reflete sobre como ocorrem e o que significam as interações online (MÁXIMO et al., 2012). A partir dos ambientes e da configuração das práticas interacionais, torna-se importante reconhecer o uso exponencial da internet e as suas incorporações no cotidiano dos atores sociais (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2012).

A abordagem etnográfica reflete as práticas e as interações nos espaços virtuais, dando ênfase às agências empíricas e aos modos com que padrões culturais são construídos pelos sujeitos em interação (MÁXIMO, 2010). Entendendo a contextualidade das práticas, em sua direta relação com o cotidiano experimentado pelos atores sociais, Miller (2013) propõe pensar a internet não como uma ferramenta, circunscrita a suportes materiais determinados, mas em função dos “gêneros de usos” que as pessoas articulam através dela. O consumo organiza os usos, ou seja, os tipos definidos de gêneros de usabilidade que as pessoas fazem da internet e de suas plataformas como formas de significação.

Miller e Horst (2015), debatendo os pressupostos da antropologia digital, entendem que o digital produz aprofundamentos na proliferação de diferenças e particularidades da vida social. Da mesma forma que a cultura material, a digital se constitui como parte fundamental da experiência do humano na sociedade. Nos contextos digitais, intensifica-se a natureza dialética da cultura, em função dos processos de convergência que impactam as práticas sociais. Esse processo desencadeia formas de abstração colocadas em funcionamento em diferentes práticas, “criadas no contexto de cada lugar, não dadas pela tecnologia” (MILLER e HORST, 2015, p. 96). Além disso, os autores criticam a visão de que as tecnologias digitais acabariam por promover a perda de uma sociabilidade pretensamente autêntica. Compreendendo a cultura como mediação, e o digital como uma mediação específica, novas formas de participação e experimentação são possibilitadas pelas interações e pelo controle destas, movimentando diferentes economias de significado.

Refletindo a respeito de uma abordagem etnográfica para a compreensão das experiências de navegação das pessoas, Hine (2015) propõe que a internet seja pensada enquanto três dimensões interconectadas entre si: incorporação, corporificação e cotidianidade. A internet como incorporada diz respeito às conexões e interações humano-humano e humano-máquinas associadas às capacidades que são construídas na internet e que transcendem as barreiras de suas delimitações. Essa noção articula importantes reflexões referentes à pesquisa de campo, pois permite perceber o que as pessoas estão fazendo quando estão online, entendendo como esses espaços se constituem e como interatuam nas configurações dos ordenamentos sociais e identitários.

A incorporação da internet no cotidiano travesti corresponde a uma infinidade de práticas de interação, que em grande parte são singularizadas no uso da rede social Facebook, vista a convergência da plataforma, que permite acionar e compartilhar conteúdos de outras plataformas e sites, e as ferramentas disponíveis para a produção mais pessoalizada de enunciados (postagens, *check-ins*, marcação de amigos, fotografias, vídeos etc.). Dessa forma, circula na rede uma infinidade de conteúdos que passam a compor esses cenários de interação.

Entender a noção de incorporação dos espaços online vai ao encontro de “um olhar mais próximo dos distintivos culturais que podem imergir desses espaços, observando as normas e valores que são comumente compartilhados e entendidos” (HINE, 2015, p. 34). A sociabilidade das participantes da pesquisa, incorporada nos usos da plataforma, aponta tanto à manutenção de seus regimes de sociabilidade quanto para a articulação de sentidos próprios de suas vivências e interesses. A busca por demandas de reconhecimento social, visibilidade, conquista de direitos e denúncias de situação de violência e transfobia se configuram como uma experiência de partilha do cotidiano. Soma-se a esse cenário a internet móvel, que possibilita formas de ampliar e expandir os processos de sociabilidade, entendida como uma “internet companheira, amiga que tem que ter”². O tráfego na rede social acompanha o transcorrer das atividades do dia, em um fluxo que movimenta as interações na rede social com conversas e situações offline.

A internet como corporificada articula não somente a percepção do corpo humano como base necessária para a transmissão de informações, mas como meio pelos quais os sentimentos são expressos e como interatuam na composição da experiência online. À medida que “a internet é potencialmente experimentada por usuários ‘incorporados’ de diferentes maneiras, dependendo das circunstâncias” (HINE, 2015, p. 34), as experimentações do online permitem a articulação de diferentes formas de apresentação e performances ligadas às experiências e estéticas corporais.

Admitindo o online como uma forma de extensão da incorporação do mundo, Hine afirma que a virtualização não apaga os corpos nas interações, mas expande as maneiras com que a experiência corporal se manifesta. Na sociabilidade travesti, a própria ideia de mediação que a plataforma realiza parece se diluir, na medida em que o perfil e as interações são entendidos como correspondentes éticos e estéticos diretamente relacionados ao corpo. Embora a utilização de imagens ainda

² Como não nomeamos as participantes da pesquisa neste artigo, a maioria de suas falas e expressões são apresentadas entre aspas. Entretanto, em alguns momentos, recorremos ao uso do itálico, para demarcar falas e expressões que foram pinçadas das entrevistas, das observações e das postagens e incorporadas ao texto dos autores. Além disso, preservamos o modo como foram ditas ou escritas pelas participantes, mantendo a singularidade de suas expressões linguísticas e culturais.

aponte à centralidade do capital corporal das travestis em suas interações, as próprias dinâmicas da plataforma assinalam percepções do corpo não apenas ligadas às imagens postadas.

As fotografias atestam a evidência mais fundamental do corpo na rede social, mas os comentários (escritos), a possibilidade de demonstrar nas postagens sentimentos e o envolvimento em outras atividades, eventos e acontecimentos também são percebidos como forma de inscrição corporal. Na rede social, a corporalidade não é apenas imagem, mas assume um caráter imagético multissensorial (CSORDAS, 2008), que associa, dentro das disposições técnicas permitidas, não apenas imagens, mas sentidos e emoções que compõem a experiência corporal.

Os usos, agenciamentos e apropriações da internet dinamizam os sentidos na vida cotidiana conforme as experiências sociais vão sendo incorporadas e corporificadas. De acordo com Hine, é na dimensão cotidiana que a internet se realiza, tomando para si o significado de um fenômeno cultural. Ao passo que o meio virtual se interlaça com todas as interfaces da vida cotidiana, destaca-se a percepção da internet como uma mídia situacional e localizável. A dimensão cotidiana se expressa no fluxo geral da existência e nas experiências pautadas pelas possibilidades tecnológicas e em interação com outras estruturas sociais.

A etnografia para a internet do cotidiano travesti, assim, persegue questionamentos a respeito de como a internet se caracteriza nas trajetórias digitais das participantes da pesquisa, tornando “sensitivas as variantes ‘topicalizadas’ da internet, [...] as circunstâncias específicas com a forma que esses significados são produzidos” (HINE, 2015, p. 53, grifo da autora). Tendo em vista que a incorporação e a corporificação da internet na vida cotidiana refletem usos particulares da sociabilidade travesti, apresentamos uma interpretação de algumas das práticas sociais observadas em nossa pesquisa de campo.

Internet no cotidiano e na sociabilidade travesti

A interpretação, apresentada neste texto, parte da descrição de alguns usos que as participantes da pesquisa fazem da plataforma de rede social Facebook, refletindo como essas práticas de consumo articulam a produção de significados na vida cotidiana. São apresentados alguns dos usos mais recorrentes observados tanto em suas *timelines* quanto discutidos e obtidos em conversas informais durante o trabalho de campo.

As identidades das participantes da pesquisa são mantidas em sigilo. Elas têm entre 19 e 36 anos de idade. A exceção de duas, a maioria delas não terminou

o Ensino Médio e todas possuem renda proveniente do trabalho na prostituição. A observação participante em curso desde junho de 2015, como parte do trabalho etnográfico, realiza-se em um bairro popular na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. O trabalho de campo, que se desenvolve também na observação das interações online, é definido em função da adesão das travestis à pesquisa, delimitado em função dos fluxos migratórios que elas realizam, vivendo a prostituição no trânsito de diferentes cidades.

Em função do tráfego constante vivido pela maioria delas, o Facebook permite manter e gerenciar as amizades e a sociabilidade para além da presença física compartilhada. Isso implicou em termos metodológicos quanto à observação, coleta e debate a respeito dos dados, em entrevistas e conversas on e offline, encontros presenciais caracterizados pela observação participante e interações em suas páginas pessoais.

No Facebook, os elementos centrais da composição das páginas pessoais são expressos principalmente por nome, fotografia de perfil e de capa, elementos biográficos e identificadores e as possibilidades de interação que ele disponibiliza (RECUERO, 2009). Para todas as travestis que participam da pesquisa, o perfil possui um peso importante na constituição das relações estabelecidas e da própria noção de pessoa pela qual outros elementos da vida social se articulam. Nele existem ações, construções criativas e margens para manobras que acabam articulando a capacidade de fabricar impressão (GOFFMAN, 2013), regulando a maneira com que suas condutas são percebidas pelos demais. O perfil não representa a transposição da pessoa para o ambiente digital, nem em termos de uma representação, mas articula uma noção de "persona", autêntica, autointitulada como verdadeira, discursiva e personalizada que permite ações de autoapresentação e interação (POLIVANOV, 2015).

Na rede social, manifesta-se o resultado daquilo que Silva (1993) já apontava sobre as travestis: um trabalho de elaboração consciente de si, vivido na dimensão de seu corpo e sexualidade assumidos nos próprios contextos em que estão inseridas. No Facebook, esse trabalho não é pensado como uma forma enganosa de representar a si própria ou aparentar ser aquilo que não é. Suas identidades, ainda que referenciadas em cotidianos de alta subalternidade e violência, mantêm expressas o "caráter de fidelidade de si mesmas" (SILVA, 1993, p. 39), permeando, inclusive, suas experiências digitais. É mantendo essa fidelidade que as travestis zombam da norma heterossexual compulsória (BUTLER, 2013), opondo-se às estruturas sociais cis e heterossexuais vigentes, deslocando, a partir disso, amplos itinerários de práticas pelos quais o gênero e a sexualidade são produzidos.

Isso implica uma correspondência entre aquilo que se posta e o modo como se conduzem as interações com as categorias de pensamento que elas possuem sobre si mesmas. Miller (2011, p. 179) discute na sua pesquisa de campo em Trinidad o conceito de máscara como elaboração social e criativa sobre si. Conforme o autor, a ideia de máscara não necessariamente indica disfarce, ilusão ou aparência externa. Para uma de suas informantes, no Facebook, a verdade sobre uma pessoa pode ser percebida no esforço e no trabalho que ela faz para elaborar sua apresentação pública. Através de suas postagens, pode-se entender aquilo que a pessoa pensa ser/é, à medida que ela apresenta a imagem que constrói. No esforço de se mostrar o que se é, interessa mais o trabalho realizado em construir a sua aparência do que o conteúdo daquilo que se expressa.

A máscara funciona não como forma de engano, mas como uma indicação daquilo que a pessoa realmente transmite a respeito de si e do trabalho que desempenha para concretizar essa afirmação. Em nossa pesquisa, essa relação também pode ser observada. As travestis constroem suas vivências do feminino através de símbolos de um feminino que lhes são próprios (PELÚCIO, 2009), com narrativas e imagéticas consideradas *verdadeiras* e *autênticas*. Os conteúdos postados, sobretudo sobre si mesmas, não podem *trair* todo esse trabalho e esforço pelo qual principalmente sua corporalidade e identidade se manifestam.

“Lá [no Facebook] eu posso ser mulher”, afirma uma participante, indicando a importância atribuída ao perfil na rede social para a realização de seu projeto identitário, possibilidade de poder ser e expressar seus próprios desejos e vontades. Todas as participantes asseguram já ter vivido alguma dificuldade, em vários contextos cotidianos, de serem reconhecidas por seu nome social, mesmo que apresentem a carteira de nome social, que lhes dá direito de serem identificadas pelo gênero feminino. Conforme Peirano (2006), o documento de identificação legaliza e oficializa o cidadão e o torna visível, passível de controle, fazendo-o cidadão em termos performativos e compulsórios. Perante a ideia de documento, principalmente da carteira de identidade, com os dados referenciais que atestam uma pessoa como a correlata à cédula, o perfil no Facebook articula um projeto de realização identitária mais amplo, privilegiando agenciamentos que expressam a materialização corporal e de suas existências sociais. O perfil serve não apenas como suporte técnico das interações, mas também assume uma dimensão de resgate biográfico (WINOCUR, 2009), cujas experiências vão sendo tecidas e partilhadas conforme os acontecimentos cotidianos.

Embora em contextos mais oficiais a carteira de nome social ou mesmo a carteira de identidade sejam acionadas, o perfil no Facebook é visto por elas como um dos mais autênticos lugares de autoapresentação, por permitir uma elaboração

pública mais singularizada e pessoalizada. O agenciamento das possibilidades tecnológicas colabora no processo de individualização do corpo travesti, tal como observado por Maluf (2002), que dramatiza os mecanismos de construção da diferença e as políticas dominantes da subjetividade. A tecnologia fornece suporte discursivo e interacional à individualização, o que, nos termos da identificação da pessoa, deixa pouco espaço para dubiedades e constrangimentos que possam ser acionados quando referida a identidade de gênero.

O perfil permite uma maior manobra criativa sobre as interdições da identificação (como, por exemplo, dos documentos oficiais), mas também de outras perspectivas da heterossexualidade pelas quais seus corpos, gênero e experiências sociais são interpretados. Uma das principais vantagens observadas por elas é a facilidade de expressão de si que a tecnologia permite. A autonomia na elaboração da imagem pública revela-se um capital social importante na manutenção das interações online e da sociabilidade fora da internet. Sobre essa questão, as participantes afirmam que “o perfil é montagem”³, revelando “sua versão mais fiel, mais trabalhada”, ou ainda “mais oficial do que todo o resto”.

Essa autenticidade, longe de revelar uma verdade ontológica do eu, indica a manutenção de uma “coerência expressiva” (SÁ e POLIVANOV, 2012) que as travestis realizam na rede social, ligada não apenas à manutenção da sociabilidade online, mas à experiência social mais abrangente de assumir seus corpos, desejos e sexualidade. Esse trabalho de construção/transformação e fidelidade, levado a cabo pelas travestis, desde a afirmação do gênero feminino e da transformação corporal, é estendido para a rede social. É neste sentido que fidelidade e trabalho/criação não são termos antitéticos, mas correlacionados.

Isso não apaga das redes as indeterminações do gênero que podem surgir do contato com outras pessoas, principalmente aquelas não muito próximas. Não são raros os comentários preconceituosos feitos por pessoas adicionadas na rede social, levando a brigas, e amizades online desfeitas em função do não reconhecimento do gênero feminino das travestis. Conforme Miller (2011, p. 116), o Facebook facilita e expande as redes sociais já existentes, habilitando as pessoas a pesquisarem sobre outras antes de decidirem se vale a pena investir nessas relações. No gênero de amizade “amigos do Facebook”, são incluídas tanto pessoas conhecidas quanto desconhecidas, que se adiciona pelo contato com os participantes das redes sociais de outras pessoas, ampliando assim as possibilidades de relacionamentos.

³ *Montar-se* diz respeito à experiência e apresentação corporal e identitária. Um exemplo é que as travestis se montam para a noite, incluindo vestes, maquiagens e adereços. Montar também significa construir ou moldar o corpo por procedimentos estéticos de beleza ou intervenção cirúrgica.

Esse gênero de amizade impacta a vida social das travestis, tanto em relação aos laços que compreendem suas amizades e namoros quanto à clientela masculina e futura clientela da prostituição. A inscrição masculina, interessada na prestação de serviço sexual, articula uma dinâmica própria em função dos seus interesses. Enquanto os já clientes ou homens interessados comentam nas suas fotografias expressões como “tesão”, “gostosa”, “corpão”, “princesa”, os(as) amigos(as) comentam expressões como “diva”, “maravilhosa”, “belíssima”. Essas diferenças sinalizam uma articulação do gênero das interações, que se organiza em quadros de sentidos entre amizade/beleza e interesse sexual/beleza. Os repertórios masculinos de interesse sexual alimentam a conversação em termos de elogios e manifestação do desejo, que mesmo que não se concretizem em relações sexuais/amorosas, impactam nas reputações e nos quadros de desejos. Excluindo algumas postagens mais raras e explícitas, esses comentários são os únicos elementos, nas interações públicas, que fazem correspondência direta ao universo da prostituição e da oferta de relacionamento sexual.

Ao menos nas interações públicas, pouco ou quase nada se fala abertamente sobre a prostituição.⁴ São os comentários da plateia masculina interessada na companhia sexual e expressos principalmente através de elogios (em alguns casos, comentários apenas com o “número do Whats⁵”) que revelam a maneira como a plataforma incide sobre o trabalho da prostituição, possibilitando principalmente conhecer novos contatos (futuros clientes), pesquisar sobre suas vidas e manter os contatos já existentes.

Embora não seja um assunto abertamente publicável, muito se fala, nas conversas fora da internet pública, sobre *bofes*, *mariconas*, *veados* e outros personagens desse quadro social, bem como sobre os jogos eróticos e a negociação do prazer. Quando acionados dentro das práticas de sociabilidade na rede social, o status do envolvido, mesmo que não venha de fato a ser revelado, quase sempre já é partilhado fora da rede. Assim, utiliza-se a plataforma também para determinar quem entra ou não no mercado sexual, estabelecendo um tipo de triagem da clientela, denunciando e compartilhando entre as amigas perfis de agressores, abusadores, *fakes* inoportunos, ou ainda das *maricas mais rodadas*, ou bichas enrustidas, conhecidas por “pagarem de hétero” e por fazerem jogos dissimulados sobre a sexualidade.

⁴ Assim como a literatura especializada indica, as participantes da pesquisa também têm, em suas vidas, denominadores comuns como violência, histórico de problemas com a aceitação familiar e dificuldades durante a fase de Ensino Fundamental ou Médio. Esses elementos levam a maioria delas a fugir de casa e a trabalhar na prostituição.

⁵ WhatsApp, aplicativo de conversação.

Não estamos afirmando que a prostituição seja apagada no contexto do uso dessa rede social, pelo contrário, ela muitas vezes fornece a dinâmica das interações. Se tomarmos como exemplo algumas das fotografias usualmente mais postadas, *selfies* sozinhas ou fotografias onde a evidência recai sobre a feminilidade e sensualidade do corpo das travestis, elas também operam dentro dos quadros de significação organizados pela prostituição, afinal, “ninguém fala, mas os clientes estão na rede, tá pra todo mundo ver”. Uma fotografia que evidencia a beleza corporal (quando seminuas, em geral, com os mamilos cobertos por *emojis* ou outros efeitos gráficos), ou mesmo usando roupas que considerem sensuais, pode receber diferentes marcações: #boanoite, #emcasa, #comportada, #sexy, #sex-tou⁶, #deusnocomando. Essas marcações colaboram na interpretação da fotografia deixando aberto o signo do corpo em oferta, pois, na fala de uma das participantes, “o sexo tá na cabeça, cada um vê na foto aquilo que quer ver”.

Outras marcações são utilizadas nas imagens, estejam elas sozinhas ou nos grupos de amigas ou companheiras do trabalho. #partiu, #partiunoite, #delícia, #work, #dalhe⁷ são expressões muito utilizadas nos contextos de amizade/prostituição. Raríssimas são as postagens marcadas por denominadores referenciais diretos fazendo alusão à prostituição. Não se posta #partiuquadra, #partiutrabalho ou #programa, mesmo que a fotografia seja tirada e postada diretamente da quadra⁸, pela Wi-Fi de algum lugar ou pelos dados móveis do celular. A aparente neutralidade dessas marcações, mais do que designar algum tipo de elaboração que visa ludibriar a informação sobre seu trabalho, sinaliza que a prostituição não está associada somente com a violência como código legítimo da conduta da noite (BENEDETTI, 2005), mas também a contextos de amizade, sociabilidade e confiança, trabalho que se assume de modo público nas redes sociais, incluindo até momentos de lazer que sejam possíveis de serem aproveitados na noite e na companhia das amigas.

Outro elemento presente nas interações, que atravessa a sociabilidade das travestis, é o modo como diversos contextos são sexualizados e como a sexualidade é apresentada de forma jocosa. Em tom de brincadeira, qualquer assunto ou temática pode ser sexualizado. As imagens a seguir ilustram essa forma de sociabilidade jocosa, seja em postagens nas *timelines*, *memes*, vídeos ou no conteúdo das conversas durante as interações.

⁶ Indicando tanto sentir-se *sexy*, quanto sextar, expressão adjetiva e comemorativa que indica que é sexta-feira, início do final de semana.

⁷ Gíria que significa “vamos nessa!”, “em frente!”, “coragem!”.

⁸ Lugar onde se realiza o trabalho da prostituição, em geral, esquinas de avenidas, postos de gasolina ou rodovias.



Figuras 1, 2, 3: Imagens temáticas: páscoa, ano novo e natal.
Fonte: Imagens compartilhadas na rede social e recebidas pelo autor.

São comuns imagens de corpos masculinos torneados, esbeltos e masculinamente sexualizados, associados a contextos de diversão e sociabilidade. Na época da páscoa, uma delas compartilhou uma imagem de um modelo utilizando orelhas de coelho, com o torso nu e besuntado de chocolate, acompanhado da frase “quero me lambuzar de chocolate hoje”, em outra ocasião compartilhou a imagem de um *gogo boy* vestindo apenas sunga, escrevendo: “Hoje me vou ao funk. Hoje quero ficar possuída, kkkk”. Interações animadas surgem a partir das postagens desse tipo, compreendendo um uso particular de sociabilidade marcada principalmente pela sexualidade, pela irreverência e pelo humor.

A jocosidade com que a sexualidade é encarada não se expressa apenas nos conteúdos postados na rede social, mas constitui o modo como muitas relações são construídas. Outro exemplo de como os contextos são sexualizados por brincadeira – bem como a própria tecnologia pode ser sexualizada – é quando, em campo, na situação de uma festa, a apresentadora esperava que o responsável pela aparelhagem de som colocasse um *pendrive* no aparelho, para que outra travesti fizesse sua apresentação. Devido à espera por problemas técnicos, a apresentadora brincava com a plateia: “Alguém quer penetrar? Precisamos de alguém que venha penetrar... o pendrive, gurias! Aloca⁹!”.

Além da sexualização de diversos contextos do cotidiano, outro elemento que aparece nas interações online diz respeito à honestidade como um dos principais capitais sociais que as travestis mobilizam. Orientadas por uma ética do trabalho honesto, inclusive no que concerne à prostituição, muitos de seus relatos se referem aos esforços, lutas, dificuldades e labores que enfrentam nas mais diferentes situações do cotidiano.

Na maioria das vezes relatando a origem pobre e humilde e o contexto de dificuldades e violências enfrentadas, buscam construir uma imagem de si e manter suas reputações enquanto dignas, honestas e trabalhadoras. A reputação é um

⁹ Expressão que, em geral, finaliza frases irônicas e bem-humoradas e que revelam algum tipo de contradição.

importante elemento na constituição de suas relações sociais, pois esses relatos circulam efetivando outros laços de interação. Casos de violência com os *alibãs* (policiais), brigas, surras e disputas, bem como ajuda em situações difíceis e problemas enfrentados são contados, indexando à postagem os perfis daquelas que participaram dos eventos. Além de lembrar feitos, essas postagens funcionam como “redes de cumplicidade” (FONSECA, 2000), que não apagam as diferenças, mas que estabelecem o nível de relação e intimidade entre elas e com quem interagem, em geral, redes de amigos(as) e conhecidos(as) mais próximos e presentes em situações offline.

Em uma das postagens, uma das participantes escreveu sobre a situação de uma briga com outra travesti por ter lhe furtado dinheiro. “Cuidado com aquela bagaceira da FULANA (indexando o perfil da pessoa) que me roubou. eu ajudei ela quando mais precisou. Ninguém queria ajudar ela e agora isso”. Nas interações, articularam-se tanto mensagens de apoio quanto de repúdio para com a envolvida. Os comentários que mais reverberaram, através das curtidas, são os que contam outros episódios considerados controversos da mesma pessoa. Isso demonstra que reputações são construídas ou arruinadas através, principalmente, daquilo que se fala na rede social. Expor diretamente a pessoa, marcando o perfil dela à postagem, não é visto como fofoca, mas como marca de ser mulher, corajosa e franca o suficiente para “peitar a inimiga” ou o desafeto. Se estabelece uma relação direta entre a enunciação na rede e “não se levar desaforo pra casa”, pensado a plataforma como analogia de rua, lugar público onde se resolvem ou se expõem os conflitos, ou ainda “falar na cara”, pensando as interações como a própria pessoa envolvida na situação.

Comentários, marcando ou não na postagem a pessoa envolvida, ou mesmo deixando uma atmosfera de incógnita ou charada, também envolvem a articulação de prestígio nas reputações ou de desmoralização. Aliada à ideia de construção e manutenção online das reputações está a fofoca como elemento fundamental no quadro de muitas das interações das participantes da pesquisa. Envolvendo relatos de fatos reais ou imaginários, a fofoca pode ser pensada como uma força que se exerce sobre outros indivíduos (FONSECA, 2000).

Embora poucas fofocas sejam de fato publicadas, existe uma articulação sobre a ameaça da fofoca, na forma de maldizer ou *mostrar os podres*. Quando de fato uma fofoca se torna pública é porque o assunto é considerado grave e envolve uma série de respostas, comentários e interações. O que as travestis *jogam* no Facebook é ou a possibilidade da fofoca, que não chega, de fato, a realizar-se, ou comentários sobre as fofocas que chegaram por outras fontes. O seguinte comentário ilustra isso:

Parece q alguém se ofendeu em eu por algumas fotos sensual no face! Não mostrei nada q numa praia durante uma tarde de sol todos costumam a ver naturalmente. estou de biquini querida. e outra não preciso estar coberta ate o joelho para acreditar em Deus. Ele esta sempre comigo me livrando de pessoas mal amadas feito algumas fingidas q nao aceitam a felicidade alheia. (POSTAGEM, abril, 2016)

Apesar de não declarar o nome da envolvida, as interações na postagem dão conta de inquerir pela responsável, manifestando repúdio por sua ação. Em outra situação, uma das participantes escreveu um *post*, marcando o perfil da fofoqueira envolvida, defendendo-se de uma acusação sobre sua honestidade. Nos comentários da postagem, manifestam-se críticas sobre a envolvida como sendo uma pessoa de baixa reputação, visto que a fofoca teria ocorrido enquanto a fofoqueira estava indo visitar o marido no presídio, fato que serviu ainda mais para deslegitimar a sua ação.

Além da fofoca, outros dois elementos se inserem no mesmo horizonte das interações: as alfinetadas e o truque. As alfinetadas dizem respeito às divergências entre as travestis, mas que de fato não compreendem fofocas graves. Apesar disso, elas não passam em branco e não se perde uma oportunidade de alfinetar alguém, seja durante as conversas cotidianas ou nas interações online. O vestido mais belo feito pelo costureiro x para tal ocasião, o penteado em determinado salão, um elogio, um relacionamento amoroso complicado, situações de ciúmes, todos esses elementos são motivos para alfinetar os desafetos. Se a fofoca chega a romper relações e instaurar inimizades, a alfinetada, muitas vezes, alimenta disputas e anima tanto as conversas quanto as interações.

Alfineta-se alguém já esperando uma resposta ou algum tipo de interação mais amistosa. A zombaria faz parte dessa interação na possibilidade de “uma tombar¹⁰ a outra”, pois “só se brinca com quem se conhece”. *Memes* e imagens de tom lúdico e jocoso são utilizadas nesse tipo de interação. Postagens em tom de brincadeiras, marcando a amiga mais *safada* ou *barraqueira* também alimentam as interações entre as amigas e parcerias mais íntimas.

O truque, por sua vez, é uma categoria criativa das travestis, para designar uma situação de engodo, disfarce ou desculpa descabida. O truque tem origem no uso da maquiagem utilizada por elas na constituição de sua feminilidade e corporalidade. Nesse caso, o truque, com ironia, é parecer feminina. No contexto das interações, no geral em tom de animosidade e brincadeira, se dá o truque em alguém, mentindo sobre a real situação do fato.

¹⁰ Expressão que designa, de modo figurativo, derrubar ou zombetear alguém.

Quando uma das travestis que estava solteira postou que havia reatado com o ex-marido em função de não suportar sozinha o frio do inverno, não tardou para que outras comentassem: “Olha o truque, mana!”, “TRUCOSA!!!¹¹”. Outra, ao postar uma fotografia com um amigo, desconhecido e considerado bonito pelas demais, afirmando estarem namorando, foi logo ela própria se revelando: “Só no truque, né gurias”. Diferente das alfinetadas, mais amenas que as fofocas, mas que buscam atingir uma pessoa em específico, instaurando uma situação de conflito, o truque é entendido mais como uma situação engraçada e bem-humorada de encarar as situações do cotidiano, fazendo mais referência a si própria.

Outro uso observado, que se revela dentro do quadro de fidelidade a si mesmas e manutenção das interações, é a ameaça de revelar os nomes da plateia masculina (ou possível clientela) considerada inconveniente. Quando se sentem muito importunadas pelos homens, em geral com interesse sexual, elas postam comentários desgostosos dessa relação, afirmando inclusive seu “poder de destruir lares¹²”.

Uma das participantes, cansada dessa relação, escreveu uma postagem em que compartilhou dois *prints* da tela de seu celular: a conversa que tivera via WhatsApp com um rapaz e a postagem de uma declaração apaixonada que ele fez à namorada (seguida de uma fotografia do casal). Na conversa ela pergunta se ele é casado, ao que ele responde ser “casado e não capado” (dando a entender seu interesse sexual). Ela comenta que sente nojo dele e pena de sua companheira e que fará o *print* da conversa. Acompanhando essas imagens, ela posta: “Como falei comigo não tem vez. Odeio infidelidade tá ai pra todo mundo ver um lixo sem caráter e um filho de uma puta ainda jura de pé junto que ama a coitada. Me poupe”. Ao comentário, seguiu uma série de interações, apoiando sua posição e ofendendo o envolvido, cujo nome estava relevado nas imagens.

A ação de expor o perfil do envolvido nesse tipo de situação, ou mesmo a ameaça dessa ação, opera dentro do quadro de gerenciamentos dos contatos da rede social. Ainda que funcione nos termos de uma “faxina no Facebook” (POLIVANOV, 2014), excluindo a pessoa de suas relações on e offline, manifesta-se também como uma força, um poder que pode ser acionado. Mais do que um tipo de vingança digital, aponta ao caráter de fidelidade a si e as suas convicções, elemento central com que as interações das travestis vão sendo conduzidas.

Considerações finais

¹¹ Adjetivo de quem dá o truque.

¹² É alto o índice de homens casados com mulheres cisgêneras que procuram os serviços sexuais das travestis.

Observando a inscrição da internet no cotidiano das travestis que compõem a pesquisa, o artigo propôs uma interpretação dos usos mais recorrentes da plataforma de rede social Facebook. Essas experiências são pautadas principalmente pela fidelidade a si próprias (continuamente performadas no site, mas que correspondem de forma direta àquilo que acreditam ser), pelas diferentes formas de sociabilidade e manejo das interações online, pela sexualização de vários contextos sociais em forma de brincadeira e pela prostituição como um elemento que atravessa o imaginário das práticas e relações estabelecidas.

Vale destacar que os usos apresentados são apenas um recorte da diversidade de práticas que constituem essas vivências, animadas pela inscrição delas em perfis pessoais na plataforma de rede social, movimentando interações e conversas. O recorte interpretativo apresentou alguns exemplos dos usos mais voltados à sociabilidade cotidiana. Está ainda aberta nos horizontes da pesquisa uma reflexão a respeito da utilização da plataforma de rede social na busca por visibilidade e cidadania, o que caracteriza outros usos dessas tecnologias e mobiliza outros referenciais.

As interações descritas são articuladas dependendo dos contextos singulares de inscrição, situações, cenários e atores sociais envolvidos. Nas redes sociais, as travestis buscam construir uma representação de si, nos termos de uma maior fidelização possível das características e elementos que compreendem suas vivências, corporalidade, sexualidade e identidades. Acreditamos que essas práticas revelam um exercício de manipulação da impressão (GOFFMAN, 2013), através de um trabalho laborioso que imbrica contextos de interação digital a outros contextos de vida das participantes.

Os usos observados no artigo são definidos principalmente em função da incorporação da internet no cotidiano das travestis. As fofocas, os truques, as alfinetadas e a sexualização dos contextos e conteúdos de interação se desenvolvem nos fluxos entre diferentes ambiências que constituem as singularidades dessas experiências digitais. Essas dinâmicas movimentam os ambientes de interação, manifestando os laços de amizade, intimidade e desavenças, elementos fundamentais das relações sociais na vida cotidiana.

Nas interações destacadas, percebemos que pouco se fala na internet pública a respeito da prostituição, embora ela permeie muitas das relações estabelecidas entre as participantes da pesquisa. A prostituição singulariza as interações, sendo manipulada com cautela e maestria. Nessas relações, articulam-se jogos de desejo, interesse, poder e disputas por prestígio e reconhecimento social que não se restringem apenas ao retorno financeiro. Dessa forma, o

imaginário social e as práticas das vivências travestis vão sendo reformulados no âmbito das interações, o que incide diretamente sobre os contextos de usos particulares e de como a internet é experimentada.

Referências

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. Em: **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 21-44.

BENEDETTI, Marcos. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. Corporalidades transexuais: entre a abjeção e o desejo. In: WOLFF, Cristina; FÁVERI, Marlene de; RAMOS, Tânia Regina (Orgs.). **Leituras em rede**: gênero e preconceito. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2007, p.55-76.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CAMPUZANO, Giuseppe. Recuperação das histórias travestis. In: CORNWALL, Andrea; JOLLY, Susie (Orgs.). **Questões de sexualidade**. Ensaios transculturais. Rio de Janeiro: ABIA, 2008, p. 81-90.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO, Gisela. Comunicação e consumo nas dinâmicas culturais do mundo globalizado. **PragMATIZES** – Revista Latino Americana de Estudos em Cultura, ano 4, n. 6, mar. 2014, p. 58-71.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CSORDAS, Thomas. **Corpo/Significado/Cura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: Uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HINE, Christine. **Ethography for the internet**. Embedded, Embodied and Everyday. London: Bloomsbury, 2015.

JAYME, Juliana. **Travestis, Transformistas, Drag-queens, Transexuais: Personagens e Máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa**. Tese. (Doutorado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, 2001.

KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LANZ, Leticia. **O corpo da roupa: a pessoa transgêneras entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros**. Curitiba: Movimentos Transgente, 2017.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

MALUF, Sônia Weidner. Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. **Revista Estudos Feministas**. v. 1, ano 10, 2002, p. 143-153.

MÁXIMO, Maria Elisa. Da metrópole às redes sociotécnicas: a caminho de uma antropologia do ciberespaço. In: RIFIOTIS, Theofilos; *et al.* (Orgs.). **Antropologia do ciberespaço**. Florianópolis, Editora da UFSC, 2010, p. 29-45.

_____.; *et al.* A etnografia como método: vigilância semântica e metodológica nas pesquisas no ciberespaço. In: MALDONADO, Efendy; *et al.* (Orgs.). **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul: UNIVADI, 2012, p. 293-319.

MILLER, Daniel. **Tales from Facebook**. Cambridge: Polity Press, 2011.

_____. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____.; HORST, Heather A. O digital e o humano: prospecto para uma Antropologia Digital. **PARÁGRAFO**. v. 2, n.3, jul./dez. 2015, p. 91-111.

_____.; *et al.* **How the World Changed Social Media**. London: UCLPRESS, 2016.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo da AIDS. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009.

PEIRANO, Mariza. **A teoria vivida**: e outros ensaios de antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, v. 20, n. 42. Porto Alegre, Jul/Dez. 2014, p. 377-391.

POLIVANOV, Beatriz. Fazendo faxina no Facebook: implicações do gerenciamento e comunicação com a Rede de Contatos para Dinâmicas de Autoapresentação. **Revista de Estudos da Comunicação**. Curitiba. v. 15, n. 38, set./dez, 2014, p. 353-369.

_____. Personas no Facebook e consumo por afiliação: percepções sobre (des)encaixes entre selves on e off-line. **ORGANICOM**, ano 12, n. 22, 2015, p. 225-235.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA, Everaldo. Os bens como cultura: Mary Douglas e a antropologia do consumo. In: DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004, p. 07-18.

SÁ, Simone; POLIVANOV, Beatriz. Auto-reflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais. **Comunicação e cultura**. v. 10, n.03, set./dez. 2012, p. 574-596.

SLATER, Don. **Cultura do Consumo & Modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

SILVA, Hélio. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ISER, 1993.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade**. Ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro. Zahar, 2013.

WINOCUR, Rosalía. **Robinson Crusoe ya tiene celular**: la conexión como espacio de control de la incertidumbre. México: Siglo XXI: Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Iztapalapa, 2009.